

A Mesa da Palavra explicada

Pároco Albino Reis

Solenidade de Pentecostes - Ano C – 08.06.2025

1ª leitura – Atos 2, 1-11

Salmo – Salmo 103 (104)

2ª leitura – 1 Coríntios 12, 3b-7.12-13

Evangelho – João 20, 19-23

Hoje celebramos a Festa Litúrgica do Pentecostes.

Os acontecimentos de Pentecostes, apesar das diferenças que podemos encontrar nos relatos bíblicos, são uma realidade concreta, não uma ideia vaga. Muitos reduzem a Festa de Pentecostes a uma espécie de “festa espiritual”, cheia de símbolos bonitos, como fogo, vento e línguas. Mas Pentecostes não é decoração litúrgica. É ruptura com a mediocridade espiritual. É o nascimento da Igreja como corpo vivo e ousado.

Cinquenta dias depois da Páscoa, o Espírito Santo desce sobre os apóstolos, e é aqui que a Igreja realmente começa. Não uma instituição como outra qualquer, mas um povo vivo/ comunidade de irmãos e irmãs, animado pelo próprio Deus.

O Espírito não desce em silêncio ou em teoria. Ele chega com um barulho forte, línguas de fogo e pessoas falando em línguas que não conhecem. Não é poesia. É um choque. Deus irrompe. Perturba. Apodera-se daqueles que o acolhem. Dá-lhes forças para ultrapassar e vencer o medo. Expõem-se completamente nas suas (nossas) vidas. Compromete-(n)os com o testemunho corajoso e cheio de vida.

O cristianismo não é, por isso mesmo, uma moral ou uma herança cultural. É uma vida transformada por uma presença. E esta presença é a do Espírito Santo.

Por vezes, ouvimos dizer que o Espírito é «inspiração», um sopro vago que nos faz sentir bem. Não. O Espírito não é um bem-estar espiritual. É uma força de verdade e de combate interior. São Paulo di-lo claramente na carta aos Gálatas: «A carne deseja contrariamente ao Espírito». Há um conflito. O Espírito incita-nos a escolher: ou as obras da carne (orgulho, ciúme, luxúria, divisões), ou os frutos do Espírito (amor, paz, fidelidade, domínio próprio...).

Se na nossa vida cristã não há nunca uma luta, nunca um questionamento, então façamo-nos a pergunta: estamos realmente sob a ação do Espírito?

Jesus diz no Evangelho: «O Espírito da verdade conduzir-vos-á à verdade». E ainda: "Ele dará testemunho de Mim". Isto significa que o Espírito não é neutro. Não é um diplomata com manias e etiquetas. Ele dá testemunho de Cristo, e Cristo é perturbador. Por isso mesmo, depois de receberem o Espírito Santo, os apóstolos anunciam Jesus crucificado e ressuscitado – não bons propósitos – e serão perseguidos.

Acolher o Espírito é aceitar ser perturbados e perturbadores: perturbados nos nossos hábitos, nos nossos compromissos, na nossa rotina, nos nossos medos e tibiezas; perturbadores, dando testemunho de Cristo, custe o que custar. Não pela metade. Não mornos. Na totalidade, na radicalidade, na autenticidade.

Os discípulos estavam trancados. Jesus tinha ressuscitado, sim, mas eles estavam com medo. O Espírito não vem como uma brisa suave. Vem como **vento impetuoso**. Faz barulho. Abre portas. Acende fogo.

Pentecostes é Deus dizendo: “Chega de ficar parados.” Chega de uma fé acomodada, fechada, tímida. O Espírito vem para empurrar a Igreja para fora, para a missão, para o mundo. E isso vale para cada batizado.

Paulo, na segunda leitura, deixa claro: “*A cada um é dada a manifestação do Espírito em vista do bem comum.*” Ou seja: não se trata de “sentir” o Espírito. É viver a fé com consequências. Cada um recebe dons diferentes — não para si mesmo, mas para o bem dos outros.

Um cristão cheio do Espírito é aquele que serve. Que perdoa. Que fala a verdade. Que corrige com caridade. Que não tem medo do mundo, mas também não se adapta ao espírito do mundo.

No Evangelho, Jesus sopra o Espírito sobre os discípulos e diz: “*A quem perdoardes os pecados, eles lhes serão perdoados.*” O primeiro fruto do Espírito é a reconciliação. Não há Pentecostes sem perdão. Não é sentimentalismo. É decisão e compromisso. Quem guarda rancor, e alimenta guerras ainda não abriu as portas ao Espírito.

Celebrar Pentecostes é aceitar ser transformado. É perder o medo e assumir a missão.

Queremos mesmo viver segundo o Espírito, ou estamos acomodados no medo e na rotina?